

# Pastore informa que as reservas brasileiras continuam despencando

O GLOBO

6 FEV 1987

ECON. BRASIL

*Uma Associação*

O grande problema da economia brasileira não é o conflito entre a inflação e o crescimento econômico e sim entre o ajuste externo e o crescimento econômico, pois todos já sabem que a inflação será alta. A afirmativa foi feita, ontem, pelo ex-Presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, durante palestra para os sócios da Associação das Distribuidoras e Agentes de Valores (Adaval), ocasião em que mostrou muita preocupação com a área cambial por considerar que as reservas atingirão o ponto crítico.

Depois de lembrar que o País encerrou outubro com reservas cambiais de US\$ 5,5 bilhões, Pastore estimou uma perda cambial de, pelo menos, US\$ 1 bilhão em novembro e outro tanto em dezembro, ressaltando que a perda foi maior ainda em janeiro, mês em que, tradicionalmente, a balança comercial apresenta fraco desempenho.

— Por falta de capacidade gerencial de sua economia doméstica, todo esforço para o ajuste externo foi perdido, acrescentou Pastore, ressaltando que o Brasil vai ter muita dificuldade para obter dinheiro novo e que dificilmente conseguirá obter o acordo plurianual.

Na opinião do ex-Presidente do Banco Central, o Governo deverá adotar medidas drásticas na área

cambial, uma vez que as reservas chegaram a níveis críticos e “minidesvalorizações adiantavam há seis meses, e não agora, pois não conseguiriam ter a velocidade necessária”. A preocupação do economista está fundamentada nas necessidades de gastos do País, este ano. Pastore disse que o Brasil deverá dispendir mais de US\$ 1 bilhão, em 87, com importações de petróleo e que, nos dois primeiros meses do ano, haverá déficit comercial de US\$ 500 milhões.

Caso não haja alteração nos preços do petróleo e nas taxas de juros no mercado internacional, Pastore entende que o Brasil precisará de US\$ 10 bilhões de superávit comercial este ano, o que terá de ser conseguido a partir de março, ou seja, à razão de US\$ 1 bilhão por mês. Para conseguir isso, o ex-Presidente do Banco Central não vê outra alternativa a não ser através da centralização do câmbio ou de uma maxidesvalorização cambial.

A economia interna também o preocupa muito. Para o ex-Presidente do BC, o Brasil saiu de uma inflação de demanda para uma inflação de custos, não restando outra alternativa, ao Governo, a não ser fazer política monetária e fiscal mais rígida. Para o economista, o quadro não é nada animador. Se não forem fei-

tos os ajustes necessários, o País caminhará em direção à hiperinflação ou à recessão ou às duas hipóteses juntas. “Esse é o preço que o Governo vai pagar por não ter adotado medidas de ajuste monetário e fiscal em junho”, acrescentou, afirmando que, mais uma vez, a sociedade como um todo pagará a conta. Quanto mais tarde as medidas forem tomadas, maior será o choque.

Quanto ao realinhamento de preços anunciado esta semana, Afonso Celso Pastore disse que “o Governo não tinha escapatória, somente fez explicitar uma coisa que já existia”. O realinhamento, na sua opinião, não poderia ser gradual devido ao atual nível de inflação, senão quebraria as empresas privadas.

Apesar das dificuldades em relação à renegociação da dívida externa, o ex-Presidente do Banco Central não acredita que “os credores venham a adotar medidas exógenas, como o corte ao crédito”. O Brasil vai ter de tomar juízo e adotar medidas para se ajustar. Quem pariu Mateus que o embale”, acrescentou, fazendo a seguinte comparação: “o Brasil está saindo hoje da viagem da ilusão de inflação como a da Suíça e do desenvolvimento do Japão para uma inflação da Alemanha em 1923 e para a recessão da Argentina, Bolívia e Chile”.